

William Sanches

Cartas de uma
outra **Vida**



Rua Atuaí, 389 – Vila Esperança/Penha
CEP 03646-000 – São Paulo – SP
Fone: (0xx11) 2684-6000

www.petit.com.br | petit@petit.com.br





CARTA 1

O BOM SENSO DE VENCER

“Não existe mal em possuir o dinheiro.
O mal decorre da invigilância,
quando permitimos que o dinheiro nos possua.”

ANDRÉ LUIZ, PSICOGRAFIA DE CHICO XAVIER



QUANDO PEQUENA, eu sempre senti que venceria na vida. Sempre senti isso dentro de mim. Não sei explicar. Mais do que um desejo, era uma certeza. Algo muito forte.

Eu nunca aceitei muito bem a vida que tínhamos. Morávamos eu, papai e mamãe no fundo de um quintal enorme com mais um monte de casas. Nossa casa era a do fundo. Bem simples, mas lá dentro existia muito amor. Lembro-me bem disso.

Quando dava o horário de saída da escola e todas as crianças voltavam para casa, era um barulhão naquele quintal.

Minha mãe saía na porta e falava:

– Grita baixo!

A gente ria e falava:

– Como vamos gritar baixo? Gritar é gritar.

E caíamos na gargalhada.

Eu amava brincar com meus primos. Na casa ao lado também tinha criança, e a certeza de todas as tardes era juntar todo mundo no quintal para brincar.

Para quem queria silêncio ali não era o lugar indicado.

O quintal era de terra, e ali a gente fazia buraco de todo tipo. Quando vinham visitas em casa, sempre perguntavam para minha mãe se lá tinha tatu. Nós ríamos ouvindo isso.

O período de que eu mais gostava era o final da tarde. Eram os momentos mais felizes. Logo meu pai me chamava dizendo que precisávamos arrumar as coisas e descansar, porque tínhamos que ir bem cedinho para a feira.

Meu pai era feirante e minha mãe e eu trabalhávamos ajudando ele nas vendas.

Logo de manhãzinha, antes das cinco da manhã, acordávamos.

Íamos sempre eu, minha mãe e meu pai.

Na feira, ele parava a Brasília, um carro muito velho que ele tinha e, naquele frio, as mãos molhadas do sereno. Nossa! Posso sentir daqui aquele frio horrível! Íamos montando a banca para mais um dia de feira.

Assim era a vida, e a gente precisava trabalhar. Montar a barraca logo às cinco da manhã e esperar pelos fregueses que iam chegando pouco a pouco, nada disso era novidade para mim.

O cheirinho que vinha da banca de pastel era o que eu mais gostava. Lá pelas oito da manhã a feira estava completa, todos os feirantes já haviam montado suas barracas e arrumado seus produtos. Tinha barraca de tudo, como toda feira tem.

O momento mais esperado era quando papai falava:
– Edna, pode buscar um pastel para você.

Eu saía correndo, nem olhava para o lado.

Só quando passava pela banca de frutas que eu diminuía o passo. Eu ia rápido, mas, quando ia chegando perto da banca de frutas, eu ia bem devagarzinho.

O Felipe era o menino mais lindo da feira. Ele trabalhava na banca de frutas, bem na frente da nossa. Eu gostava dele. Mas ele nem ligava pra mim. Afinal, quem iria querer namorar uma menina com as roupas sujas, filha de feirante?

Percebi que ele ficava todo feliz quando vinha a filha da professora Vera Lúcia. Até dava a volta na frente da barraca, para ajudá-la com as sacolas.

Aí, eu fechava os olhos, de tanto ciúme.

Coisinha de namorinho bobo, coisa de criança. Eu pensava: “ele nunca vai olhar pra mim...”.

Quarenta e oito anos se passaram...

Agora, aqui no mundo espiritual, caminhando por um espaço bem grande que temos, onde eu adoro ficar, porque ele é todo gramado, fico lembrando essas cenas de quando eu era pequena e, principalmente, o meu desejo de vencer, quando estava encarnada na Terra.

Acho que Deus dá força a cada um de nós para que possamos vencer. Eu estudei, fiz diversas faculdades, me especializei na minha profissão. A vida de feirante ficou bem para trás, apenas na minha memória e na memória de meus pais, porque, depois de formada, a primeira coisa que fiz foi tirar os dois daquela vida sofrida.

Venci e consegui adquirir muitos bens materiais. Tive uma vida confortável, viajei por muitos países. Usei todo

o meu talento, meu esforço e, mais do que acreditar que venceria, busquei vencer.

Mas nunca vivi um grande amor. Só trabalhava, e nunca tinha tempo para mim.

Em todo o tempo que vivi na Terra, deixei muita história, tantos colegas de trabalho, tantas fotos. Mas a minha vida pessoal ficou em projetos. Eu sempre a deixava para depois.

Desde pequena, eu sabia que venceria, que jamais ficaria ali, trabalhando na feira. Só me esqueci de cuidar do meu lado afetivo.

Sinto muito, papai, se a minha vida não foi aquela que esperava para mim, aquela que tanto sonhou: viver em família e lhe dar netos. Seus sonhos se foram com a minha partida. Mas peço a vocês: não se entristeçam porque parti, por mais difícil que seja. Eu priorizei algumas coisas. Não soube usar o bom senso e partilhar a vida.

Eu apenas quero que saibam que estou bem. Estou me recuperando aos poucos, pois não foi fácil adaptar-me a viver sem vocês comigo.

Aqui tenho amigos, oferecem sempre uma palavra e um abraço, quando a saudade aperta. Eles têm sempre algo de bom para me ofertar.

Sabe, pai, antes de minha partida, ninguém em casa cuidava do lado espiritual. Lembra? Hoje, vocês mudaram, valorizam muito mais outras coisas. Sei que muitas vezes se perguntaram por que isso aconteceu conosco. Vejo, hoje, que era preciso que nossa família pudesse ganhar, ainda

nesta vida, outro olhar para a realidade espiritual, antes tão esquecida por todos.

Deus era lembrado em vão. Hoje, apelamos para Ele, que sempre nos revela os caminhos não compreendidos.

Mamãe, viva o mais que puder, sem perder-se pela dor.

Outro dia, aconteceu algo muito especial. Eu estava aqui, neste gramado em que gosto de caminhar e refletir. Vi um rapaz. Na verdade, um homem lindo.

Ele veio caminhando de longe, parou bem na minha frente, olhou para mim e me disse:

– *Lembra-se de mim?*

Eu gaguejei e, um pouco assustada, respondi que não, afinal, eu estava neste plano há pouco tempo, e não conhecia ninguém. Nenhum parente ou amigo havia me recebido por aqui.

Ele me disse:

– *Sou o Felipe. Sei que você sempre gostou de mim. Foi uma pena não termos nos aproximado durante o tempo em que vivemos na Terra. Um dia, quem sabe, vamos regressar. Regressar é juntar dois lados: a dor da partida com a alegria do recomeçar. E, quem sabe, viveremos um grande amor, um amor perfeito. Afinal, nossas almas estão sempre se reencontrando, em tantos cantos, em tantas vidas. Eu não sei por que, mas dentro de mim sempre senti algo bom por você.*

EDNA

PARA PENSAR

Jesus, em sua infinita sabedoria e sensibilidade, afirmou: “Tudo é possível àquele que crê.”³

Quanto mais eu estudo e pesquiso a vida das pessoas que venceram, que avançaram nos seus caminhos e nos seus sonhos, percebo o quanto elas possuem uma força extraordinária, uma postura de ganhador.

Essa é a força da consciência.

Essa força não se refere à força física. Não se trata da força dos músculos.

Consciência é uma qualidade psíquica, isto é, que pertence à esfera da psique humana. Também é a percepção de um atributo do espírito, da mente, ou do pensamento. Ser consciente não é exatamente a mesma coisa que perceber-se no mundo, mas ser no mundo. Para isso, a intuição, a dedução e a indução participam desse processo de despertar.

Primeiro, porque existe em nós uma alma, uma alma que anima o corpo, uma força absurda que é eterna e se renova. Imagine, na eternidade, quantas vezes você (alma) precisou se renovar, se adaptar a um novo corpo a cada existência e seguir por novos caminhos.

3. Marcos 9, 23

O que se renova numa força absurda. Então, a primeira consciência do fluxo da vida é perceber essa força espetacular já existente em você. Ela não vem do outro, de uma situação. Ela já está com você.

Segundo, porque a maneira como nos posicionamos na vida é fundamental para que as coisas fluam.

Ter uma postura de vítima, dizer que nasceu em uma família pobre, sem condições, que a vida é dura, tudo isso não resolve nada. Ao contrário, faz com que você permaneça estagnado nessa condição.

Comparar-se com outro, que está um pouco mais à frente, é um perigo. É fácil sentir-se enfraquecido e para baixo.

Não existe o certo ou o errado. Existe o caminho de cada um. A sua própria individualidade dentro da sua consciência vai desenvolver seu potencial. Ninguém é igual a você, e você não é igual a ninguém. Por isso, não se pode seguir receitas, nem comparar-se.

Todo ser é dotado de condições dentro do seu movimento natural. Inteligente, cria possibilidades, se prepara e vence.

Cada etapa é um topo. Na vida, cada etapa vencida deve ser comemorada.

Você já venceu!

Cada pessoa busca sua felicidade, e a felicidade de cada pessoa não está dentro de esquemas. Então, por que sua caminhada deve seguir um esquema de comparações?

Sentir-se inferior porque o outro está vestido com uma roupa melhor ou ocupa um cargo de maior importância dentro da sociedade não te fará evoluir. Cada pessoa possui seu dom, seu talento e sua importância.

Outro erro comum é o das pessoas que não cuidam para que a vida não seja feita só de conquistas financeiras e materiais. São pessoas que encaram a vida como uma luta, estão em busca apenas de conquistas e nunca enxergam a hora de parar. Nunca estão satisfeitas. Nunca enxergam a felicidade no que já têm. Quem luta é porque gosta de viver em guerra.

Você luta, guerreia, batalha?

Então está acostumado com guerra.

Comece a desfrutar as coisas que você já tem com mais tranquilidade. Tenho certeza que você possui coisas extraordinárias e nem se deu conta ainda. Tente citar, dentro de você, pelo menos duas.

O problema com muitos de nós é que pensamos em ser felizes quando alcançarmos certo nível na vida; muitas vezes, níveis que outras pessoas alcançaram.

Nesse esquema, você vai acabar gastando toda a sua vida trabalhando em direção a algo novo, sem nunca parar para apreciar o que você já tem.

Quem tem o olhar de perdedor jamais enxerga vitória. O perdedor não é aquele que não tem, é aquele que não vê o que tem. Entra em casa e só percebe o que não tem. Olha para as pessoas e só vê defeito. Busca o material e esquece o restante. Espera estar “feliz” quando conquistar o cargo que almejou; espera morar na casa

que sonhou; andar no carro mais moderno, para só então viver. Mas a vida acontece enquanto se caminha na direção de algo. Por isso: toda etapa alcançada é o topo.

Vencer e conquistar é maravilhoso e um direito. Prosperar é um direito. O bom senso de vencer, também. É preciso que a vida seja preenchida com outros valores, além dos paupáveis.

A vida precisa também de riquezas que não se podem pegar nas mãos: um amor, uma alegria espontânea, um olhar de felicidade, um abraço. Mais do que fotografias no papel ou na tela do computador, para mostrar aos outros, as fotografias que a alma carrega precisam estar reveladas dentro de você: uma paisagem que só você viu, um cheiro, uma sensação boa, um abraço apertado e sincero. A alma fotografa o tempo todo.

Melhor do que viver com bens é ser um bem.

Seja honesto com você sobre o que quer alcançar, acerca de quem você quer se tornar e, principalmente, a respeito de como está vivendo agora. Seja honesto em todos os aspectos da sua vida. Não boicote nenhum aspecto em nome de outro.

Seja honesto sobre o que está bem e o que precisa ser mudado.

Procure a verdade, no seu íntimo, para que você realmente saiba quem você é. Quando você fizer isso, terá uma melhor compreensão de onde está agora e como chegou até aqui. Ainda há tempo. Sempre há tempo de replanejar, e até de mudar a rota, se for preciso. Isso é ser honesto com você.

Tenha o bom senso de vencer, porque a vitória é um direito seu, e o que você faz com ele é de sua livre escolha.

Acenda dentro de você a luz do amor incondicional, para que realize isso com todo o seu potencial.

Seja feliz agora!



CARTA 2

SEM CONTRATO PARA VIVER

“Ao pé de cada coração desventurado,
Jesus nos espera, em silêncio.”

CHICO XAVIER



LEMBRO-ME BEM DAQUELA MANHÃ, quando ele se aproximou de mim e me disse:

– Sabe, Regina, eu te amo como nunca amei ninguém.

No começo, eu achei estranho, porque ele nunca havia falado nada assim. Parecia que aquele dia seria diferente. E foi...

Fiz minhas coisas como normalmente fazia. Fui logo cedo à feira. Gosto de ir bem cedo à feira, para pegar frutas e verduras mais frescas. Os feirantes já me conhecem e separam exatamente o que eu preciso. Depois, comprei dois pastéis: um para mim e outro para o Roberto. O meu de bauru e o dele de pizza. Como ele amava pastel de pizza! E eu não comia ali na feira, levava para casa.

Cheguei em casa esbaforida. Fazia muito calor, e eu quase não conseguia carregar as sacolas da feira.

Coloquei água para esquentar e liguei o rádio. Na estação, tocava uma linda música do Roberto Carlos. A minha predileta, aquela que fala assim: “Onde você estiver, não se esqueça de mim...”.

Eu amo Roberto Carlos. Não foi à toa que casei com um homem chamado Roberto. Não é o Rei, mas é o meu rei.

Quando o café estava pronto, ele chegou à cozinha, cheiroso, me abraçou com carinho e, me apertando forte, disse:

– Sabe, Regina, eu te amo como nunca amei ninguém.

Em vez de ficar feliz, eu senti um arrepio, um calafrio estranho subindo por trás do pescoço e um aperto no peito. Sorri um pouco, para não deixar o Roberto chateado, mas sabe aquele sorriso amarelo? Aquele sorriso sem graça?

Ele não percebeu nada, mas eu fiquei muito angustiada.

Terminei de passar o café e sentamos para comer os pastéis. Roberto já estava pronto para o trabalho. Ele trabalhava como taxista e ia cedo para o ponto de táxi.

Enquanto ele comia, eu o olhava, meus olhos o fitavam profundamente. Não sei o que deu em mim, porque eu sempre comia rápido e levantava para lavar a louça, sempre preocupada, sempre correndo, sempre, sempre agitada, mas naquele dia eu não tinha pressa.

Nessa manhã eu estava estranha, estava diferente. Não sei por que, mas meu coração sabia que algo aconteceria.

Roberto terminou de comer, com a elegância, a educação de sempre. Beijou-me e saiu.

Ao fechar a porta, tive a sensação de que aquela seria a última vez que eu veria o meu Roberto.

O fim de tarde se fez presente, e eu o esperava ansiosa para jantarmos juntos. Preparei tudo fresquinho, tudo o que havia comprado na feira.

Terminei o jantar, assisti à novela e esperei... Andava de um lado para o outro, e a cada dois segundos eu colocava a cabeça na varanda para ver se avistava o táxi de Roberto.

“E o celular?

Será que devo ligar?

Nenhuma mensagem chega?

Talvez Roberto tenha pegado uma corrida para mais longe, para o aeroporto, sabe lá.”

Eu não queria atrapalhar seu trabalho, só sei que, a cada minuto que passava, meu coração batia mais e mais apertado.

A noite caiu de vez, e caiu em mim um desespero absurdo. O celular de Roberto só dava caixa postal. Liguei no ponto de táxi, e um dos colegas dele disse:

– Dona Regina, ele saiu daqui mais ou menos ao meio-dia e não voltou mais.

Meu Deus! Onde estaria Roberto? Meu coração sabia que algo não estava bem, que algo havia acontecido, mas o quê? O quê?

O telefone toca. Uma ligação. Um silêncio eterno. Aqueles segundos ao telefone pareciam intermináveis!

Do outro lado, uma voz fria perguntava:

– É a senhora Regina Robes, esposa do Sr. Roberto Robes?

– Sim...

– A senhora precisa vir ao hospital. A senhora está acompanhada ou está sozinha em casa?

Desabei. Não escutei mais nada.

Deus, sabedor de todas as coisas, enviou a minha casa, nesta hora, minha vizinha Madalena, que, ao abrir a porta, me viu caída no chão, aos prantos, e, preocupada, veio rápido me socorrer.

Eu sabia, eu sabia que não veria mais meu Roberto. A moça do hospital nem precisava falar o que meu coração já sabia.

“Roberto, o seu amor foi o que de mais lindo eu tive nessa vida. Você se foi, e eu fiquei.”

Fiquei em silêncio e só pensava. Minha voz não saía mais, e eu só conseguia pensar: “quem tirou sua vida irá responder por isso não só pela lei da Terra, mas pela lei divina. Tirar a vida de um homem bom é afrontar a Deus, é cometer o maior pecado da existência...”

Vivi meus últimos anos na Terra com essa lembrança. Um dia de susto, uma tragédia.

Não carreguei amargura. Consegui substituir a dor pela lembrança boa do meu amor por Roberto. A saudade não passou de um amor lindo que ficou em mim. Quando chegou minha hora de partir, me desliguei da Terra com a leveza de quem soube viver corretamente.

Agora, estou em uma colônia espiritual muito linda. Tem dias que me lembro daquela hora de susto, não vou mentir, mas logo ela se apaga frente às lembranças maravilhosas que tenho em mim...

Roberto, sei que não deve ter sofrido, você foi um homem bom, e homem bom Deus tira do mundo antes de sofrer.

Eu também te amo como nunca amei ninguém. Ninguém... Nosso amor é só nosso, nosso amor é eterno. É só meu e seu.

Tenho procurado me preparar cada vez mais. Sinto que um dia vamos nos reencontrar, Roberto.

Onde você estiver, não se esqueça de mim...

REGINA

PARA PENSAR

Sêneca tem uma frase que diz assim: “Nisto eramos: em ver a morte à nossa frente como um acontecimento futuro, enquanto grande parte dela já ficou para trás. Cada hora do nosso passado pertence à morte”.

Vida, por mais simples que seja, é aquela em que as almas não têm um contrato entre si, mas uma missão espiritual, independentemente da relação estabelecida entre elas, seja como almas irmãs ou com qualquer outro nome ou rótulo. O mais bonito das relações humanas está no respeito e no amor. No dia a dia das coisas simples, que tornam a existência em um significado espetacular. Ou seja, diante dos olhos daqueles que conseguem enxergar a singeleza, a vida torna-se um espetáculo.

A história, escrita através de nossos atos, nunca possui uma receita pronta, uma obrigação do universo em cumprir um destino.

É preciso criar a consciência do viver bem, e o viver bem não significa ter muito, significa ser muito. Curtir o que se vive, desde um pastel simples, na feira, até uma música bonita que toca no rádio.

Será que a rapidez do seu dia está te impedindo de ver o que já tem de bom na vida? Costumamos olhar só para nossos problemas, nossas dificuldades, e dificilmente encontramos os presentes recebidos, presentes enviados por Deus.

Existem muitos presentes enviados por Deus para você. Alguns ainda nem foram desembulhados, outros ainda nem foram encontrados.

Philip Dormer Stanhope, político e escritor inglês, dizia que “Um espírito mesquinho é como um microscópio: aumenta as pequenas coisas, mas impede de ver as grandes”.

Seus olhos podem ter sido mal educados para enxergar a vida e os recursos que o Universo lhe oferece. Quem tem olhos de microscópio vê a vida como perdedor, sempre pequena. Amiúda-se o tempo todo, olha para baixo. Sente-se pequeno.

E sentir-se pequeno, apesar de carregar dentro de si um Deus grande, é morrer lentamente.

Adoro os dizeres de Martha Medeiros, quando ela escreve:

“Morre lentamente quem não viaja, quem não lê, quem não ouve música, quem não encontra graça em si mesmo. Morre lentamente quem destrói o seu amor-próprio, quem não se deixa ajudar. Morre lentamente quem se transforma em escravo do hábito, repetindo todos os dias os mesmos trajetos, quem não muda de marca, não se arrisca a vestir uma nova cor, ou não conversa com quem não conhece”.

Não fique chocado com quem viveu intensamente, saiu de casa e não voltou.

Choque-se mais com quem chega e não viveu, com quem tem e não vibra, com quem só reclama. Choque-se mais com aqueles que só enxergam defeitos nas pessoas,

que usam da fofoca, do ciúme, do melindre como pilares para viver. Choque-se mais com quem olha a vida num microscópio. Porque esse, com certeza, está morrendo lentamente.